

Esta seção aborda o acirramento dos conflitos da mídia tradicional brasileira com Bolsonaro, a repercussão nas redes sociais dos ataques misóginos do presidente à jornalista da Folha de S.Paulo Patrícia Campos Mello e os principais assuntos noticiados sobre o Brasil na imprensa internacional.

Imprensa tradicional em guerra com Bolsonaro

Os conflitos dos principais grupos da mídia tradicional brasileira com Bolsonaro se intensificaram neste início de 2020 e explicitaram-se particularmente no posicionamento editorial dos jornais em relação a dois temas: o envio de vídeos por whatsapp pelo presidente para convocar manifestação contra o Congresso Nacional e a misoginia bolsonarista contra a jornalista da *Folha de S.Paulo* Patrícia Campos Mello.

No dia 18 de janeiro o jornal *O Estado de S.Paulo* já havia publicado o editorial “Bolsonaro e sua circunstância”, criticando rompantes do presidente e de sua equipe ministerial ao longo dos últimos meses, cuja linha fina afirma que “o assessor que se inspirou em Goebbels só foi exonerado porque houve uma grita generalizada. O conteúdo da fala é o que Bolsonaro já disse inúmeras vezes”.

Novamente, no dia 27 de fevereiro, o *Estadão* publicou editorial depreciativo motivado pela notícia de que o presidente enviou mensagens de seu número privado conclamando a sociedade a participar de protestos da extrema-direita no dia 15 de março: “O presidente e os golpistas”. No texto, destrói a escusa de Bolsonaro sobre o cunho pessoal das mensagens enviadas de seu celular convocando a sociedade a participar de manifestações contra o Congresso: “Os cidadãos são livres para se manifestar contra quem bem entenderem, mas um presidente da República não é um cidadão comum e não pode permitir que seu nome seja usado para

alimentar um protesto contra os demais Poderes constituídos.” E, no dia 29, mais um duro texto, “A pequenez da presidência”, no qual destaca a perda de apoio popular do chefe do Executivo e analisa a divisão entre os vários grupos da extrema-direita.

As mensagens enviadas pelo presidente também foram tema de editorial do jornal *O Globo* publicado no dia 26, cujo título é “Bolsonaro atenta contra a Constituição”, como se isso fosse novidade nas ações do mandatário. O texto diz que “À medida que o ex-capitão foi revelando toda a face de extremista, e não apenas na política, boa parte destes eleitores se afastou. Bolsonaro tornou-se, então, um presidente de baixa popularidade, sustentado por milícias digitais e claques de porta de Palácio.”

A *Folha de S.Paulo* publicou em 20 de fevereiro o editorial “Limite a Bolsonaro”, no qual adverte que “talvez só o temor de um processo de impeachment possa deter a perigosa aventura”. O texto afirma que “a escória do bolsonarismo difunde mensagens de ataque e insulto ao Congresso Nacional e de exaltação a oficiais militares, um apelo a sua intervenção. Trata-se de golpismo de extrema-direita, francamente minoritário no país.” E conclui: “Da resposta firme e inequívoca às provocações depende a continuidade da marcha civilizatória no Brasil.”

Outro tema que motivou os mais importantes grupos de mídia a publicarem editoriais contra o presidente foram os ataques misóginos à jornalista

Patrícia Campo Mello. Em nota, a *Folha de S.Paulo* afirmou que "o presidente da República agradece a repórter Patrícia Campos Mello e todo o jornalismo profissional com a sua atitude". "Vilipêndia também a dignidade, a honra e o decoro que a lei exige do exercício da Presidência". No editorial do dia 18, "Sob ataque, aos 99", o jornal afirma que "o chefe de Estado comporta-se como chefe de bando. Seus jagunços avançam contra a reputação de quem se antepõe à aventura autoritária. Presidentes da Câmara e do Senado, ministros do Supremo Tribunal Federal, governadores de estado, repórteres e organizações da mídia tornaram-se vítimas constantes de insultos e ameaças."

No texto do *Estadão*, do dia 20, intitulado "Descontrole total", o jornal diz que "o que aconteceu nos últimos dias é mais do que simplesmente uma reiteração da falta de moderação de Bolsonaro; trata-se de demonstração cabal da incapacidade do presidente de controlar a própria língua e, por extensão, o governo que chefia."

Como escreveu brilhantemente a Socialista Morena em seu blog, foi preciso que Bolsonaro atingisse a corporação para que jornalistas de direita compreendessem que machismo não é mimimi.

Os ataques à jornalista da *Folha*

Os ataques à jornalista Patrícia Campos Mello foram o centro de mais uma ofensiva bolsonarista contra a imprensa e as mulheres no Brasil. De forma misógina e indecorosa, perfis influenciadores da rede bolsonarista auxiliaram no linchamento virtual da jornalista da *Folha de S. Paulo*.

O uso da máquina pública para atacar adversários políticos, censurar a imprensa e promover perseguições virtuais contra aqueles que ousam se posicionar contra as medidas do atual governo não é algo novo. Pelo contrário, esse tipo de ação vem sendo a regra do governo Bolsonaro. No entanto, no episódio em questão, a escalada na violência contra uma pessoa atingiu patamares inéditos até aqui.

Durante o ataque massivo das redes bolsonaristas contra a jornalista, foi possível observar (imagem 1) quem são os usuários que lideraram a ofensiva: Eduardo Bolsonaro, Allan Terça Livre, Patriotas, Carlos Jordy, Leandro Ruschel, entre outros. Basicamente os mesmos usuários que sempre participam e/ou promovem esse tipo de ação nefasta nas redes sociais online. Já na imagem 2 os perfis que citam a jornalista mais de trinta vezes – um volume impressionante.

Imagem 1: Principais perfis que mencionaram Patrícia Campos Mello

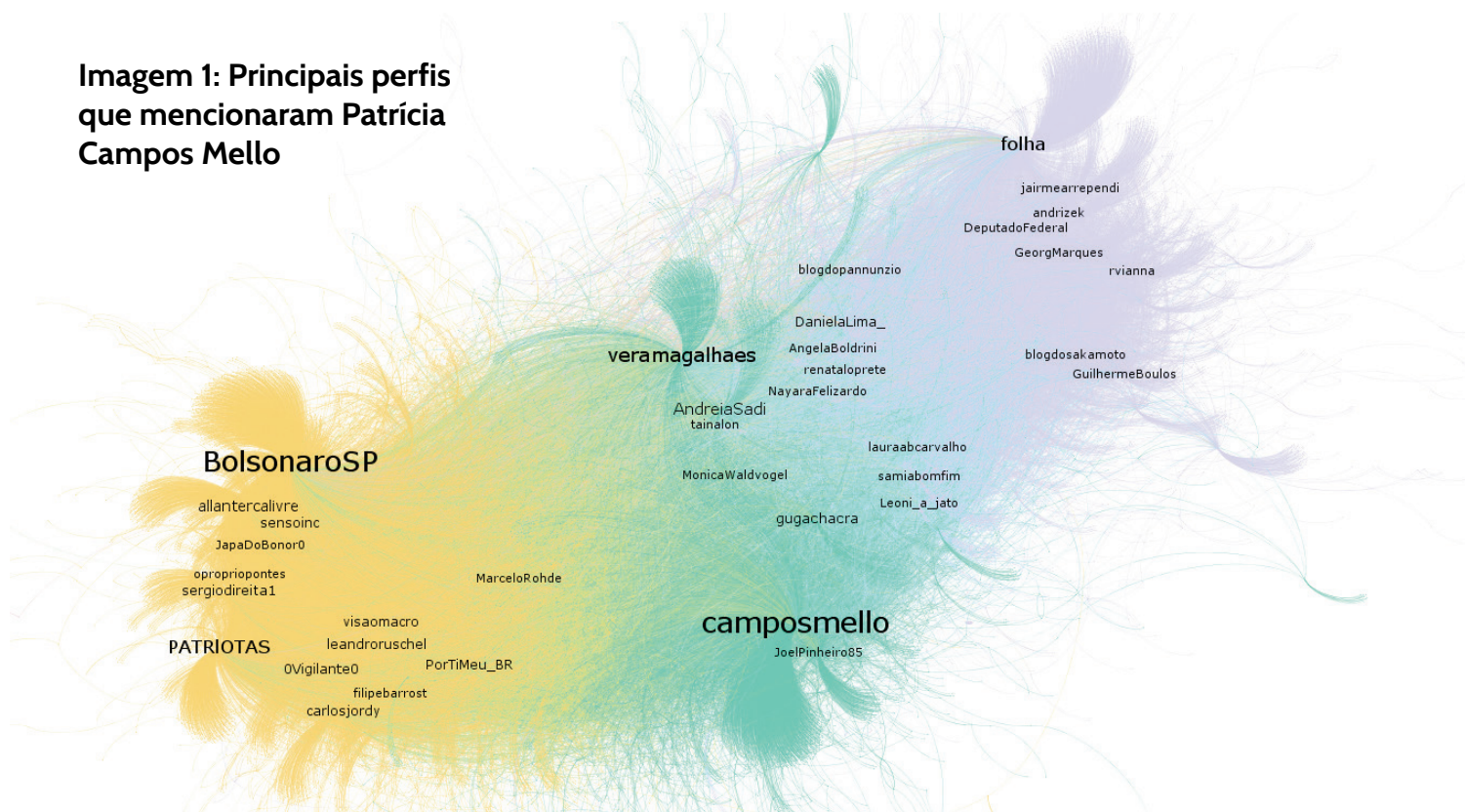
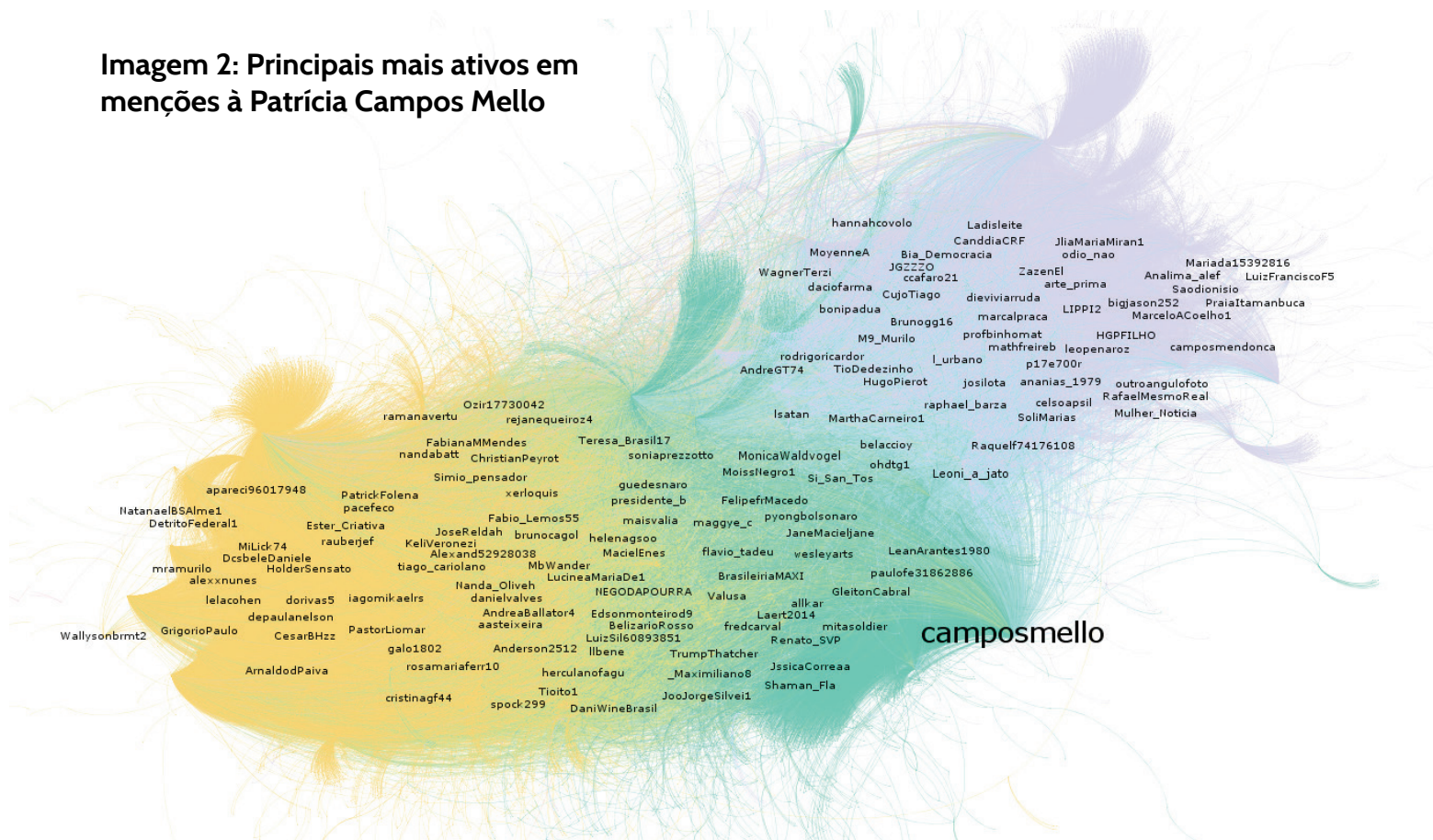


Imagem 2: Principais mais ativos em menções à Patrícia Campos Mello

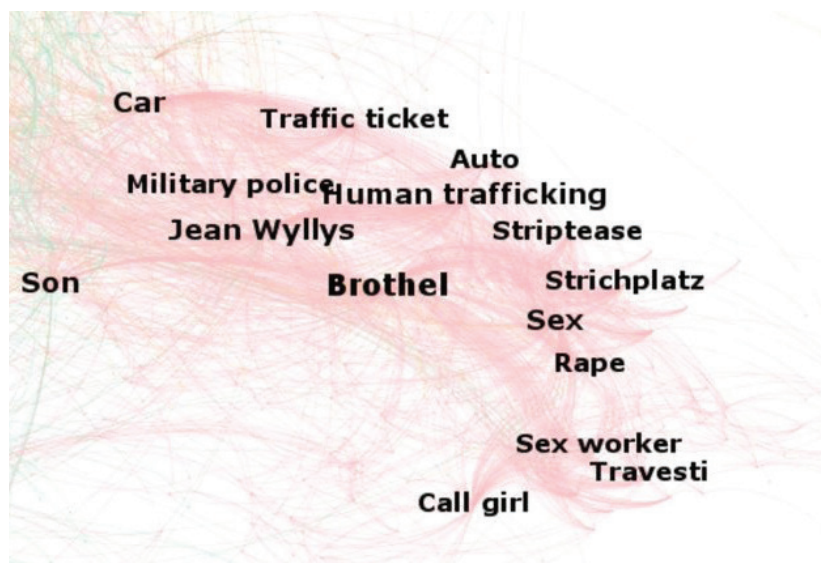


Mas como se identificam os usuários que promovem este tipo de ataque à jornalista, de forma tão misógina, rasteira e nefasta? A primeira imagem, uma nuvem de palavras, apresenta os termos mais utilizados pelos usuários para se definir em seus bios do Twitter: pais, conservadores, família, patriotas, cristãos, casados, anti-esquerda, entre outros. Esse “padrão” de definição é extremamente comum em agrupamentos de rede bolsonaristas.

Termos mais utilizados pelos usuários

Por fim, as imagens compartilhadas pelos usuários que atacaram Patrícia nas redes sociais online. Parte do resultado desta análise é a imagem a seguir, fruto de um mapeamento feito a partir dos elementos de nove mil imagens publicadas durante ataques de bolsonaristas à jornalista. Um dos grupos mais presentes nas imagens de ataques à profissional - promovidos pelos homens, cristãos, conservadores e casados - traz elementos como striptease, estupro, sexo, travesti, prostituta, puteiro e tráfico humano.

Imagens utilizadas para atacar Patrícia Campos Mello



A ofensiva contra a jornalista remete ao livro *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex. Nele, a autora apresenta a história vexatória do Hospital Colônia, em Barbacena, no interior de Minas Gerais. A autora lembra que no início do século 20 muitas das mulheres que lá estavam eram "filhas de fazendeiros que tinham comportamento considerado inadequado para um Brasil, à época, dominado por coronéis e latifundiários (...)". Hoje, Patrícia Campos Mello é alvo dos mais variados ataques nas redes sociais. É revoltante observar que, mesmo tantos anos depois as práticas da direita reacionária, latifundiária e militarista brasileira, ao deparar com mulheres que buscam questionar aqueles que detêm o poder, se perpetuam como um câncer em nossa sociedade.

O Brasil na imprensa estrangeira

As informações que circulam no mundo sobre o Brasil nos grandes veículos de jornalismo tratam, majoritariamente, das ações do governo Bolsonaro que são contrárias às ideias de bem-estar social. Não há novidade na forma como esses periódicos enxergam o atual governo brasileiro ou as suas ações.

Trata-se, na verdade, da continuidade do que vem sendo noticiado desde a campanha eleitoral de 2018. Na época, a imprensa estrangeira informava ao mundo que Jair Bolsonaro era um político de extrema-direita, racista, machista, homofóbico, preconceituoso, que considerava os povos indígenas inimigos. Além disso, o então candidato já tinha postura autoritária, era descrito como um adorador de governos ditatoriais e que considerava a esquerda como uma inimiga a ser aniquilada.

A constatação ao acompanhar a imprensa estrangeira é de que nada mudou. No início de 2020, os grandes jornais internacionais confirmam que o discurso ideológico de Jair Bolsonaro está sendo, de fato, aplicado pelo governo brasileiro.

No começo de fevereiro, *Al Jazeera*, *Deutsch Welle* e *El Mundo* publicaram reportagens sobre a proposta do governo de liberar a exploração de mineração em terras indígenas. Os textos tratam do projeto como uma afronta aos povos indígenas e reforçam que a liberação já é considerada como mais um ataque ao meio ambiente. Desde que Bolsonaro

assumiu foram vários, o pior deles a explosão de incêndios na Floresta Amazônica. Após o ocorrido, Jair Bolsonaro passou a adotar uma linha mais amena com relação à questão ambiental, somente em seu discurso, mas antes ele próprio se intitulou como o capitão motosserra.

Em 11 de fevereiro, o canal de notícias alemão *Deutsche Welle* publicou reportagem sobre a violência na região amazônica. O assunto é recorrente na imprensa europeia, que é mais atenta à questão ambiental. A reportagem abordou, especificamente, a situação na cidade de Novo Progresso, no Pará. A publicação conta a história de uma mulher que lidera uma cooperativa de produtores e que precisou esconder o filho porque este foi espancado e ameaçado de morte por homens encapuzados.

Já em 25 de fevereiro, o espanhol *El Mundo* publicou notícia sobre o missionário evangélico que foi indicado para cuidar da diretoria responsável por cuidar de tribos indígenas isoladas da Amazônia.

Ainda sobre o discurso preconceituoso de Jair Bolsonaro e como este se apresenta no seu governo, a rede inglesa *BBC* publicou reportagem sobre a indicação de Sergio Camargo para a direção da Fundação Cultural Palmares. A notícia afirma que o governo apontou um negacionista do racismo para defender os direitos da população negra. O texto afirma que Bolsonaro está destruindo a forma como a política costumava ser feita no Brasil. Essa é uma afirmação significativa, pois considera que exista uma mudança negativa em tudo o que vinha sendo construído na tentativa de chegar a consensos na sociedade brasileira, como a existência do racismo.

No dia 7 de fevereiro, o também inglês *The Guardian* publicou um manifesto assinado por artistas e intelectuais brasileiros como Chico Buarque, Caetano Veloso, Sebastião Salgado, Petra Costa, Djamila Ribeiro, entre outros, em que se denunciavam as ameaças à liberdade de expressão e à democracia que vêm sendo feitas pelo presidente da República. No mesmo sentido, no dia 22, o jornal francês *Le Monde* publicou reportagem sobre o desmonte da Agência Nacional de Cinema (Ancine). A reportagem mostra como a agência vem sofrendo um verdadeiro desmonte e como o cinema nacional está sendo desidratado.

Diretores de cinema reconhecidos afirmaram ao jornal que as obras premiadas que estão aparecendo no período atual foram produzidas há um bom tempo, quando a produção cinematográfica ainda tinha apoio. Porém, daqui a dois ou três anos a sociedade brasileira vai sentir a diferença em relação à política de apoio ao cinema nacional.

Ainda sobre a política ideológica de Jair Bolsonaro antipluralidade e antipovo, a Al Jazeera publicou reportagem sobre os cortes no programa Bolsa Família e como milhões de brasileiros estão sendo atirados à própria sorte pelo governo federal.

Durante o mês de fevereiro também foram analisadas reportagens que abordavam a ascensão de ideologias e grupos conservadores no Brasil. A revista alemã, *Der Spiegel* publicou texto sobre a constituição de um Palácio do Planalto totalmente militar. De acordo com o periódico, os militares estão chegando ao poder pela porta dos fundos.

Já o jornal *Le Monde* publicou reportagem sobre a perseguição ideológica que ocorre dentro do Itamarati, na qual sete diplomatas foram ouvidos sob a condição de anonimato. A ascensão de grupos conservadores incentivados pelo discurso do governo Bolsonaro também foi tema de reportagem do *Wall Street Journal* e do *The Guardian*.

Por fim, o jornal *Le Monde* publicou reportagem sobre a postura do Partido dos Trabalhadores e da oposição ao governo Bolsonaro. A perspectiva apresentada no texto e por um cientista político consultado pela reportagem é de que haveria uma certa paralisia do PT e do ex-presidente Lula. Infelizmente, a reportagem não ouviu nenhuma fonte que pudesse falar pelo PT, apenas analisou discursos feitos durante a festa de 40 anos do partido. A lógica apresentada pela reportagem do *Le Monde* é a mesma da imprensa tradicional brasileira.